

# **Antropologia no Ceará: algumas notas sobre o porvir e o vigor de ter sido**

**Alexandre Fleming Câmara Vale**

Universidade Federal do Ceará, Brasil

acamaravale@gmail.com

**Teresinha Helena de Alencar Cunha**

Universidade Federal do Ceará, Brasil

teresinhaAlencar@gmail.com

**Vera Rodrigues**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Brasil

vera.rodrigues@unilab.edu.br

## **Renascimento da antropologia**

O momento de comemoração dos 50 anos do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará não poderia ser mais propício para registrar, nesse número especial de nossa *Revista*, um novo momento da Antropologia mediante a criação do Programa Acadêmico de Pós-Graduação em Antropologia UFC-UNILAB (PPGA). A existência deste Programa deveu-se a uma profícua e, espera-se, dura-

doura, parceria da Universidade Federal do Ceará (UFC) com a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). O PPGA nasceu de um trabalho comum, que ganhou contornos mais definidos, a partir da organização coletiva das IV Reunião Equatorial de Antropologia e XIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste<sup>1</sup> (REA-ABANNE). O esforço hercúleo de organização desse evento contou ainda com a parceria de duas outras universidades de nosso Estado, a Universidade Estadual do Ceará (UECE) e a Universidade Regional do Cariri (URCA). Na ocasião, a Antropologia ensaiava uma “*communitas*”<sup>2</sup> no Ceará. Sediar este evento que teve a caução da Associação Brasileira de Antropologia, representava nosso “salto para a exterioridade”, ou melhor, o encontro com a “visibilidade almejada” que confirmaria para nossos(as) parceiros, o quão viável e necessário seria um Programa de Pós-Graduação em Antropologia no Estado do Ceará.

O traçado internacional da UFC e da UNILAB compõe uma das marcas distintivas desse nascente PPGA. Se por um lado a Universidade Federal do Ceará ao longo dos seus mais de 60 anos de existência, possibilitou um intenso intercâmbio com antropólogas e antro-

---

1. Fortaleza sediou, em agosto de 2013, a IV Reunião Equatorial de Antropologia (REA) e XIII Reunião de Antropólogos Norte e Nordeste (ABANNE). Várias atividades foram realizadas como pré-evento. Lembro que, em junho de 2013, solicitei o espaço do Dragão do Mar para a Mostra Livre de Filmes, Ensaios Fotográficos, Hipermídias e Etnografias Sonoras. A Mostra, realizada a partir da parceria do Laboratório de Estudos da Oralidade (LEO) e o Laboratório de Som e Imagem e Antropologia (LISA-USP) aconteceu nos dias 5 e 6 de agosto de 2013, das 18h30 às 21h, no auditório do Dragão do Mar. A Mostra de Ensaios Fotográficos também aconteceu nestes dias, das 09h às 12h, no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC).

2. O sentido de *communitas*, no trabalho do antropólogo Victor Turner, diz respeito aos momentos liminares e antiestruturais nas relações sociais, quando a sociedade é vista como *comitatus*, ou melhor, como comunhão de indivíduos, como camaradagem, rudimentarmente estruturada e relativamente indiferenciada.

pólogos de origem francesa, (Jean Duvingnaud, Georges Balandier, Edgar Morin, François Laplantine, Marion Aubrée, Ervan Dianteill, Marie-Elisabeth Handmann, David Le Breton e tantos outros), por outro lado, veio a fomentar recentemente, algo internacional da lusofonia. De fato, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, ao longo de quase uma década de existência, se orienta para o ensino e a produção de conhecimento voltado para um constante diálogo com os países africanos parceiros.

Esta universidade (UNILAB), instituída pela Lei n. 12.289, em 20 de julho de 2010, foi criada no contexto de reformulações da política externa brasileira que redefine, como uma de suas prioridades, a aproximação com a África, principalmente com os países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) dali. Mediante o citado Programa Acadêmico de Pós-Graduação em Antropologia, a UNILAB foi inserida no projeto de expansão da Educação Superior brasileira, implantado pelo MEC em 2007. Este último implica a ação específica do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) implantado na cidade de Redenção, Ceará, distando apenas 63 quilômetros da capital. Todavia, não se trata apenas de atender às metas do REUNI: promover o desenvolvimento de instituições de educação superior em regiões ainda carentes, – este é o caso do Maciço do Baturité, no Estado do Ceará; esta iniciativa implica também o ensino e a formação de jovens brasileiros em interação com os estudantes oriundos de Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP): Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Fazem parte do corpo docente da UNILAB profissionais formados na UFC e em outras universidades do Estado; alguns provêm de outras regiões do Brasil e do exterior. Ao contrário da UFC, que não possui

um curso de Graduação em Antropologia, a UNILAB já o instituiu. Trata-se de uma universidade internacional que considera seriamente a inclusão social por meio das já conhecidas cotas em seus processos seletivos. Ambas as universidades citadas comungam com os princípios de reconhecimento e respeito à diversidade étnica, religiosa, cultural e de gênero.

O PPGA representa um ganho científico para a o Estado do Ceará e para todo o Nordeste. Isso se dá na medida em que, de acordo com Mota e Brandão (2004, p. 164), nesta região, a Antropologia não experimentou a expansão e a consolidação institucional, por meio da criação de programas de pós-graduação, – como ocorreu no fim da década de 1970 em algumas universidades do Centro-Sul do país. De fato, os ensino e pesquisa em Antropologia no Nordeste, estiveram, em grande parte e por um longo período, abrigados em programas de pós-graduação em Ciências Sociais e Sociologia. Tal redundou, ainda segundo os autores citados, na não visibilidade de uma produção que, embora fecunda, não podia figurar nos Relatórios de Coleta CAPES. Até 2004, por exemplo, ano em que Mota e Brandão escreveram sobre o Campo da Antropologia no Nordeste, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) era a única em que se encontravam Mestrado e Doutorado em Antropologia.

A realidade das pós-graduações na região Nordeste tem se modificado desde então, com a criação de programas específicos de Antropologia em grande parte das capitais da região. A criação de novos programas de pós-graduação permite dar visibilidade a uma produção até então difusa, quando não fragmentada, de conhecimento antropológico. Nesse contexto, o Ceará aparecia como um dos poucos Estados do Nordeste em que ainda não se tinha uma pós-graduação em Antropologia,. Isso se dava apesar da rica trajetória que o Es-

tado estabeleceu com esse campo de saber e do amplo reservatório de pesquisas de cunho antropológico, especialmente, no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, na Universidade Estadual do Ceará (UECE), Universidade Regional do Cariri (URCA) e a Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

A proposta de criação do Programa interinstitucional de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Ceará e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira tem como objetivo oferecer formação em nível de Mestrado para alunos/as egressos(as) de cursos de graduação da UFC, UNILAB e de outras universidades locais, nacionais e internacionais. Sua constituição vem convenientemente atender ao que autores como Mota e Brandão, (2004) têm denominando de “transbordamento do campo disciplinar” da Antropologia, traduzido numa demanda cada vez mais crescente por profissionais da Antropologia em âmbito acadêmico e em espaços institucionais externos à academia. Tal demanda caminha não apenas em direção a outras áreas de conhecimento – Saúde Pública, Administração de Empresas, Direito, Psicologia, Desenvolvimento Urbano, Comunicação, etc. –, mas é também solicitada por institutos (públicos e privados) de pesquisas, organizações não governamentais e órgãos governamentais (IPHAN, INCRA, FUNAI, FUNASA, MP, MDS, Ministério da Saúde).

Voltado para o fortalecimento e a ampliação da eficácia e do alcance do conhecimento antropológico, para atender às demandas regionais relativas à distintas esferas do mundo social (saúde, educação, meio ambiente, mediação de conflitos étnicos, políticas sexuais, de gênero e de geração, patrimônio, imagem, memória e gestão de políticas públicas), o PPGA da UFC/UNILAB pretende capacitar profissionais capazes de responder, de forma ética e responsável, às problemáticas

do presente, alargando o horizonte teórico e prático da Antropologia no Estado e na região Nordeste.

O PPGA se propõe outrossim a cobrir campos clássicos e contemporâneos da Antropologia, com ênfase em duas linhas de pesquisas, a saber, “Narrativas, Memórias e Simbolismo” e, “Diferença, poder e epistemologias”. Essas linhas de pesquisa permitem contemplar uma demanda no Estado, concernente às esferas do ensino, pesquisa e extensão. Vale destacar, desde já, que o PPGA da UFC/UNILAB deverá atender ao grande contingente de alunos/as egressos(as) dos mais de 4 cursos de graduação em Ciências Sociais no Estado do Ceará. Nestes, pela falta de uma pós-graduação em Antropologia ou pela impossibilidade de deslocamento para outros Estados, os estudantes optam pelas pós-graduações em Sociologia ou cursos mistos. Segundo nossa percepção, tal gera algumas lacunas para aqueles com vocação antropológica: um prejuízo para sua experiência formativa e subsequente inserção profissional. O Estado do Ceará também apresenta uma grande carência quanto à atuação de antropólogos(as) nas questões vinculadas aos relatórios e laudos sobre comunidades e/ou grupos indígenas, quilombolas e de sexualidades ditas “dissidentes”. Trata-se de populações com as quais a Antropologia sempre manteve incontestável compromisso ético.

As afinidades eletivas entre a UFC, a UNILAB e a UECE puderam ser melhor circunscritas, conforme já destacado, no momento da organização coletiva da décima terceira edição da Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste e da quarta edição da Reunião Equatorial de Antropologia, realizada no Ceará, entre os dias 04 e 07 de agosto de 2013. A temática dos dois eventos conjuntos concerniu aos “Saberes locais e experiências transnacionais: interfaces do fazer antropológico”. Tal constituiu um momento particularmente importante para

que os/as colegas das três universidades afinassem ora interesses e afiliações mútuas entre seus diversos laboratórios e núcleos de pesquisa, ora buscassem possibilidades de parcerias em publicações nacionais e internacionais e também mobilizassem esforços para a organização coletiva de eventos empenhados na difusão do conhecimento antropológico.

Para a instituição do PPGA, a UFC e a UNILAB mobilizaram um intenso intercâmbio de antropólogos e antropólogas na constituição de bancas de mestrado e doutorado, bem como, conforme destacado, em parcerias para a produção coletiva e compartilhada de publicações e eventos, como aconteceu, por exemplo, na organização de atividades Pré-REA/ABANNE e o próprio evento, realizado a partir dessa parceria. A esse respeito ainda, destacamos a criação do Ciclo de Conferências Antropologia no Ceará<sup>3</sup>, promovido pelas UFC e UNILAB

---

3. O Ciclo teve como proposta compor o cenário de uma interlocução permanente e itinerante entre ambas as universidades, agregando conferencistas e debatedores/as da UFC, UNILAB e outras universidades. Suas atividades tiveram início em 19 de junho de 2015 e até o presente momento foram apresentadas as seguintes conferências: “Variações do Sentimento de Natureza: corpo, linguagem e desejo”, com o Prof. Dr. Romain Bragard (UFC), tendo como debatedor o Prof. Dr. Igor Monteiro (hoje da UNILAB) (19/06/2015); “A Capoeira e os Dilemas Existenciais de uma Arte Transnacional”, com o Prof. Dr. Ricardo Nascimento (UNILAB) e os debatedores Prof. Dr. Robson Cruz (UNILAB) e Prof. Dr. Igor Monteiro (UNILAB), (09/09/2015); Caminhos da Antropologia no Ceará, com a Profa. Dra. Sulamita Vieira (UFC) (15/03/2016); Canoa Quebrada e o Instituto de Antropologia, com o Prof. Dr. Hélio Barros (UFC), Profa. Ms. Teresinha Alencar (UFC) e as Prof. Dra. Marina Melo (UNILAB) e a Profa. Dra. Sulamita Vieira (UFC) como debatedoras, (14/03/2017); “Operação Canoa, o filme. Antropologia, cinema e sexualidade”, com o Prof. Dr. Alexandre Fleming Câmara Vale (UFC), (15/03/2016). Tivemos ainda: “Existências, insistências e travessias: sobre algumas políticas e poéticas do travestimento”, com o Prof. Dr. Vitor Grunvald (USP e Cásper Líbero) e as debatedoras Prof. Dra. Ilana Viana do Amaral (UFC) e Dora Fox (Mestranda em sociologia da UFC), (08/04/2016). O Ciclo seguiu com as seguintes conferências: “Pequenas narrativas, mitos e literatura: Guimarães Rosa e Antropologia”, com o Prof. Dr. Kleyton Rattes (UFC) e o Prof. Dr. Romain Bragard como debatedor e, por fim, “Umbanda e Jurema: transformações e transnacionalização de

com a coordenação do Laboratório de Estudos da Oralidade do Departamento de Ciências Sociais da UFC, com o intuito de intensificar as parcerias entre os laboratórios deste Departamento e compartilhar o conhecimento produzido com a comunidade acadêmica e local dos municípios de Fortaleza e da cidade de Redenção. Do ponto de vista de publicações compartilhadas, podemos citar, a coletânea, financiada pela ABA pós REA/ABANNE<sup>4</sup>, organizada por Carvalho e Braz ou ainda a parceria da UNILAB com a UFC na organização do Dossiê temático “O Trabalho em África”, na *Revista de Ciências Sociais da UFC* (Volume 46, n.º 2), organizado por Abrantes e Berthet.

A cerimônia de abertura do Mestrado Associado em Antropologia foi realizada no dia 17 de agosto, mas se estendeu ao longo daquele mês, tanto em Fortaleza quanto em Redenção. A programação contou com diversos tipos de atividades: mesa solene, mesa redonda, apresentação de docentes e discentes do PPGA, apresentação do Projeto Político Pedagógico do Curso, aulas magnas, rodas de conversas, encontro com professores/as indígenas e visita ao Museu dos Índios Kanindé.

A primeira mesa da aludida abertura ficou por conta das autoridades institucionais da UFC e da UNILAB que celebraram, alguns com ressalvas, a ação conjunta das duas universidades – a saber, o Vice-Reitor Prof. Dr. Custódio da Silva Almeida, representando o Magnífico Reitor da Universidade Federal do Ceará, o Prof. Dr. Henry de Holanda Campos; a Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da UNILAB, a Profa. Dra. Albanise Barbosa Marinho. Houve outrossim

---

um campo religioso”, com o Prof. Dr. Ismael Pordeus Jr, tendo como debatedor o Prof. Dr. Robson Cruz (UNILAB).

4. RODRIGUES, Lea Carvalho; SILVA, I. B. P. (Org.) Saberes locais, experiências transnacionais: interfaces do fazer antropológico. 1. ed. Brasília / Fortaleza: Aba Publicações / Expressão Gráfica, 2014. v. 1000. 330p .

as falas da coordenadora geral do PPGA, a Profa. Dra. Lea Carvalho Rodrigues e da então coordenadora interina da UNILAB, a Profa. Dra. Marina Pereira de Almeida Mello. A equipe do Laboratório de Estudos da Oralidade registrou, em som e imagem, essas falas inaugurais e também aquelas de nossos representantes discentes, a mestranda Pety Mama oriunda de Guiné Bissau e do mestrando George Feitosa Carvalho, de Fortaleza, convidados para aquele momento solene.

A mesa redonda “Antropologia no Ceará: o porvir e o vigor de ter sido”, uma das que compuseram o evento de abertura teve o objetivo de referenciar o passado de nossa disciplina no Estado do Ceará, a situação presente e as promessas de um tempo vindouro, essa mediante a instituição do novo PPGA. Foram convidadas, na ocasião, as Professoras Dra. Sulamita Vieira, da UFC, Dra. Vera Rodrigues, da UNILAB e o Prof. Dr. Alexandre Vale, também da UFC. O vigor de ter sido de nossa disciplina no Estado, mesmo que não institucionalizada, só foi possível graças ao esforço de todos(as) aqueles(as) que nos antecederam. Para a UFC pelo menos, era difícil pensar aquele momento sem a referência aos Professoras e Professores que fizeram e ainda fazem parte da história da Antropologia cearense.

A empreitada de situar nossa trajetória ficou por conta da Professora antropóloga Dra. Sulamita Vieira, autora do livro *Caminhos das Ciências Sociais na UFC*, que está em sua segunda edição<sup>5</sup>. Esta nos brindou com alguns de seus achados e reflexões. Falou sobre pontos fulcrais da institucionalização do ensino e da pesquisa das Ciências Sociais em nossa universidade, realizando um registro incontornável

---

5. Reflexão apurada e registro de valor incontestável, o livro de Sulamita Vieira é um marco na história das Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará. A segunda edição, ainda no prelo, foi concebida especialmente para celebrar os 50 anos do Departamento de Ciências Sociais. *Caminhos das Ciências Sociais na UFC* é um livro preciso e generoso, especialmente no que tange à enorme quantidade e qualidade de dados coletados, verdadeira ogiva para pesquisas posteriores.

dos trabalhos produzidos e seus(suas) autores(as): verdadeiro caleidoscópio de enunciações da história de nosso curso, de nossa universidade e de nosso Estado. Um curso com uma trajetória singular, como destaca a autora citada, foi criado em plena ditadura militar, mas que soube contornar firmemente as arbitrariedades enfrentadas e construir-se como uma das maiores unidades de produção e difusão do saber das Ciências Sociais no Estado.

A apresentação da Professora Dra. Sulamita Vieira nos remetia ainda aos antecedentes institucionais do curso de graduação – com as empreitadas do Serviço de Antropologia que foi depois transformado em Instituto de Antropologia. Em 1969 deu-se a fundação propriamente dita do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, que passou a integrar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Martins Filho, pode-se depreender nos escritos de Sulamita Vieira (2016), entendia a Antropologia como saber-matriz. Não porque se tratasse de um saber revolucionário por excelência, mas talvez porque se tratasse de um tipo de saber que enxergava a experiência humana em sua totalidade biológica, social e cultural, como escreveu Vale no *Prefácio* ao livro da antropóloga (VALE, 2016).

E, se havia uma necessidade de revolução então, era aquela que dizia respeito ao conhecimento do Nordeste para que algo pudesse ser feito pela população local, objetivos notórios do Instituto de Antropologia. Não cabe recontar uma história que poderá ser muito mais bem lida nas linhas de nossa autora (VIEIRA, 2016). O Serviço de Antropologia e, posteriormente, o Instituto de Antropologia, ambos geridos pelo engenheiro-antropólogo Thomaz Pompeu Sobrinho, duraram pouco mais de uma década, mas dessa empreitada colhemos frutos até hoje. Um deles, é o filme sobre “Teresinha Alencar, Canoa Quebrada e o Instituto de Antropologia”, que encerrou nossa mesa de

abertura.

## Memória, imagem e etnografia

Em 2014, Alexandre Vale e Teresinha Cunha iniciaram uma pesquisa denominada “O Campo da Antropologia no Ceará: Memória, Experiências e Perspectivas”. Ela foi interrompida diversas vezes e renasceu como Antropologia Visual, em 2017, com o filme “Teresinha Alencar, Canoa Quebrada e o Instituto de Antropologia”. Naquela pesquisa, nós indagávamos pela maneira como “ciclos vitais” (GERTZ, 2000) da Antropologia local, poderiam ser traduzidos em linhagens que circunscrevessem a produção de um *corpus* empírico e teórico. Buscávamos, então, empreender uma etnografia do saber antropológico cearense, localizando na literatura antropológica dos(as) antropólogos/as do Instituto de Antropologia e seus “descendentes”, as linhas mestras de uma história antropológica periférica (RCO, 2006), ou “ex-centrica” (GROSSI, 2009).

Indagávamos ainda como, ao longo de sua trajetória, a Antropologia no Ceará incorporou o ensino e a pesquisa e reterritorializou, da matriz da disciplina, os intercâmbios teóricos que realizou com outros Estados e outros países. Mas então, perguntávamos, por que esse rico reservatório de conhecimento acumulado não havia redundado na criação de uma pós-graduação em Antropologia no Estado do Ceará? Não tínhamos “antropólogos puros” suficientes? Em que sentido isso articulava-se com as políticas de reconhecimento da Associação Brasileira de Antropologia ou com as definições do campo intelectual brasileiro e uma suposta hegemonia da Sociologia entre as Ciências Sociais? Como os boatos do varejo acadêmico e o “oco das vaidades” haviam impossibilitado a construção de um pertencimento capaz de

constituir o reconhecimento institucional de uma Antropologia local?

A pesquisa para a produção desse filme, por ocasião da abertura de nosso Mestrado em Antropologia, suscitou muitas possibilidades de investigação, muitas interpelações, que nos acompanham desde muito tempo. Outra via de investigação que empreendíamos ao pensar o filme “Teresinha Alencar, Canoa Quebrada e o Instituto de Antropologia” dizia respeito aos deslocamentos de pesquisadores e pesquisadoras para a realização de pós-graduação em outros lugares, seja para a região Sul do Brasil, seja ainda, para o exterior, o que, em nossa cabeça, se traduzia como um certo “processo de internacionalização” (FRY, 2003) da Antropologia local. Esta, foi motivada por quatro décadas de acordos internacionais (CAPES/COFECUB), desde os idos do Instituto de Antropologia, quando a Universidade Federal do Ceará fez um acordo com a UNESCO para a formação de profissionais locais na Universidade François Rabelais de Tours na França. Tal se deu sob a regência do Antropólogo Jean Duvignaud. Teresinha Alencar, como veremos adiante, era não apenas testemunha ocular desse processo, como atuou, ainda como datilógrafa, no trabalho de fundação do Instituto de Antropologia. Fez Mestrado no Museu Nacional do Rio de Janeiro e também participou do referido intercâmbio.

Teresinha Alencar graduou-se em História. Trabalhava no Instituto de Antropologia da Ceará como datilógrafa e iniciou lá sua formação como antropóloga. No projeto de pesquisa do Instituto de Antropologia, estudar o sertão e as áreas pesqueiras terminou sendo uma prioridade. Canoa Quebrada significou uma espécie de Ilhas Trobriand da experiência antropológica que então se queria realizar. Um verdadeiro “laboratório” para a formação de jovens pesquisadores(as) coordenados(as) pelo prof. Hélio Barros. Este trabalhou sobre os significados da atividade pesqueira da então paupérrima e isolada co-

munidade. Teresinha dedicava-se especialmente a um estudo sobre as mulheres de Canoa Quebrada, enfocando as representações da maternidade, da amamentação e do ofício de fazer a renda de labirinto, praticado pela maioria das mulheres da comunidade. Teresinha também registrou algumas narrativas míticas de Canoa, como a de El Rei Dom Sebastião, que, segundo as pessoas dali, saía de alto-mar em um cavalo branco em direção às dunas. Aí, ele tocava trombetas e tambores com sua cavalaria, sempre no dia 21 de janeiro, dia de São Sebastião que era o padroeiro de Canoa Quebrada. Aquela estudou ainda a mística dos enterros, as representações da morte e as técnicas de “afastamento das almas”.

As histórias de Canoa Quebrada são muitas. Algumas dessas narrativas foram citadas por Teresinha Alencar no filme que encerrou nossa mesa. Antes disso, ocorreu uma exposição da Professora Dra. Vera Rodrigues, que reproduziremos a seguir.

## **Antropologia no Ceará: o porvir e o vigor de ter sido**

A trajetória até aqui exposta dá conta de como está sendo gestado um porvir da Antropologia no Ceará. Cada passo dado vislumbrou o dia 17 de agosto como o nosso “mito de origem”, que interliga desafios e debates postos anteriormente, mas também no hoje, de um fazer antropológico inserido em um contexto regional e internacional. O mesmo pode ser pensado em relação às aulas magnas que marcaram o início do nosso Mestrado. Na ocasião, diante de um público de jovens pesquisadores(as) que vinham a constituir a nossa primeira turma de mestrandos(as), ecoaram as falas dos professores João Pacheco de Oliveira (Museu Nacional) e Neusa Gusmão (UNICAMP),

ambos veteranos com muito a dizer e a instigar na reflexão antropológica. O primeiro, versou sobre alguns princípios fundantes da nossa disciplina e sobre as fronteiras da produção de conhecimento para dialogar sobre “Alteridade e fronteiras: diálogos entre a Antropologia e a História”. Já a Professora Dra. Neusa Gusmão trouxe elementos para o debate do desafio que estava posto para a Antropologia que estávamos retomando, em certa medida, reinventando a partir da parceria UFC/UNILAB em um cenário de desvalorização da universidade pública. Tal era demonstrado nos cortes orçamentários e, mais recentemente nos ataques à produção de conhecimento, criticidade e ao próprio papel do intelectual na sociedade contemporânea. A sua fala intitulada “Ciências Sociais e Antropologia: vencendo barreiras” somada à exposição do professor João Pacheco de Oliveira permeou a interlocução que se seguiu entre estudantes e professores(as)<sup>6</sup>.

Como exemplo disso podemos citar a proposta da Professora Dra. Vera Rodrigues, egressa da UNILAB que constrói seu “lugar de fala” como docente e pesquisadora nesse programa de pós-graduação. Ela parte do *locus* social que “atravessa a reflexão, a ação política e cultural de mulheres negras” (RIBEIRO, 2017) e se dá especialmente no campo da Antropologia das Populações Afro-brasileiras. Nessa perspectiva, o dia 17 de agosto foi evidenciado como um horizonte possível para a Antropologia “entre nossas instituições, no Estado do Ceará e em nossas vidas comprometidas e pautadas nesse lugar que espero seja de fala, reflexão, ação e protagonismo: Programa de Mestrado em Antropologia UFC-UNILAB”. Assim, o pensar nesse porvir

---

6. Na ocasião da abertura de nosso PPGA tivemos também dois programas na Radio Universitária: o primeiro, com o Prof. Dr. João Pacheco de Oliveira (Museu Nacional), para discussão da questão indígena no Ceará, com a participação da Prof. Dra. Isabelle Braz e o do Prof. Dr. Luis Thomás Domingos; e o segundo, com a Prof. Dra. Neusa Gusmão, a Prof. Dra. Vera Rodrigues e o Prof. Dr. Kleyton Rattes.

da antropologia veio carregado dos frutos do trabalho de campo, do nosso fazer antropológico. Entendemos que é assim se faz Antropologia, ou seja, em um processo de interlocução.

Foi em um momento como esse, mais precisamente por ocasião da etnografia<sup>7</sup> construída com sujeitos do movimento afrocolombiano que fizeram e fazem sentido as expressões “êmicas” “horizonte possible” e “entrelazamientos”. Por esse caminho, creio que estamos vivendo um porvir enquanto construção de horizontes dialógicos desde o primeiro momento em que este programa de Mestrado foi pensado até a sua concretização. Ele soma trajetórias oriundas de diferentes contextos que vão do Maciço do Baturité ao diálogo diaspórico com Guiné-Bissau, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Angola e Timor Leste. O aludido programa perpassa o sertão, o litoral e as serras cearenses. Assim estamos entrelaçados. Mas só isso não vai bastar para construir nosso porvir. É preciso mais. É preciso fazer uma Antropologia engajada na realidade social desses territórios e de sua gente. São necessários uma atitude ética, compromisso teórico-metodológico e uma leitura constante dos desafios que nos cercam.

Esses desafios tem sido a tônica das últimas semanas – e, talvez dos próximos anos. Isso é algo que vejo como parte do trabalho do(a) antropólogo(a), empenhado(a) em “olhar, ouvir e escrever” com o Outro e não por sobre seus ombros, como já dizia Roberto Cardoso de Oliveira. Quais desafios tencionam nosso porvir? Anteriormente, participamos enquanto docente da UNILAB de uma audiência pública realizada na Comissão de Direitos humanos e Legislação Participativa no Senado Federal<sup>8</sup>. O tema daquela era a situação financeira

---

7. “Entre Quilombos e Palenques: um estudo Antropológico sobre políticas públicas de reconhecimento no Brasil e na Colômbia” (Tese de Doutorado, FFLCH/USP, 2012).

8. Ver: [www.unilab.edu.br](http://www.unilab.edu.br)

da UNILAB, UNILA e de alguns Institutos Federais. Em outro momento, o desafio se deu por ocasião do Seminário: “Raça e Educação 30 anos depois: e agora do que mais precisamos falar?” promovido pela Fundação Carlos Chagas (SP) em parceria com a Fundação Ford (USA). Falar de educação, do futuro das nossas IFES e do pertencimento racial está nos fundamentos da nossa disciplina ou naquilo que retomando o já citado Roberto Cardoso de Oliveira, é o “outro lado da moeda no trabalho do antropólogo(a): a cidadania”. Esses desafios são também a construção do nosso porvir. Por isso é “preciso estar(mos) atentos, firmes e fortes”. Por isso podemos atentar para nossas linhas de pesquisa, já destacadas anteriormente: “Diferença, poder e Epistemologias” e “Narrativas, Simbolismos e Emoções”.

Sobre a questão da cidadania, lembramos aqui também do antropólogo Paul Rabinow (1999, p. 30) que, referindo-se a Foucault, certa vez destacou que envolver-se em lutas políticas é alterar relações de poder. Nesses tempos em que a ideia da técnica e da neutralidade têm sido tão reivindicadas em oposição à “ideologia”, vale lembrar algumas sugestões desse autor para abordar o funcionamento concreto das relações de poder nas sociedades ocidentais. Quais as tarefas políticas que a ciência antropológica pode mediar? Ora, criticar o funcionamento das instituições que, em nossa sociedade – hoje mais do que em outros tempos – aparentam ou se querem neutras e independentes constitui nossa verdadeira tarefa política. Criticar tais instituições, usando o aparato conceitual das Ciências Humanas, implica em desvelar e combater a violência política exercida obscuramente por meios de tais instituições. Esse, nos parece, é um dos motes para uma experiência formativa crítica e consciente, meta fundamental de nosso PPGA.

## A guisa de conclusão

Em 7 de dezembro de 2016 o nosso PPGA foi aprovado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Esse momento, mais do que uma efeméride, é um marco do porvir que queremos celebrar daqui a 50 anos. Sim, em 2066 é provável que outros antropólogos(as) estejam escrevendo um artigo, – tal como o estamos fazendo agora – para traçar essa trajetória coletiva institucional que retomou os caminhos de uma Antropologia no Nordeste do Brasil, mais precisamente no Estado do Ceará. Supomos essa previsão, não como um exercício banal de futurologia, mas como o compromisso que estamos selando, conforme mencionado anteriormente.

O corpo docente e discente do PPGA tem a exata noção – ou ao menos não nos furtamos a tê-la – do desafio que isso compreende: seja o desafio de aliar interiorização com internacionalização; seja exercer com ética e qualidade o protagonismo do conhecimento resultante desse processo. Trata-se do desafio conhecido outrora: “ninguém solta a mão de ninguém” frente ao cenário sombrio que ameaça a pesquisa, a universidade pública e o acesso à educação como algo relevantíssimo e intrínseco aos Direitos Humanos. Aqui, nos somamos à recente manifestação da ABA – Associação Brasileira de Antropologia<sup>9</sup> sobre o impacto social da Antropologia em tempo de: cortes de recursos, criminalização do fazer antropológico representado na produção de relatórios e laudos quilombolas e indígenas; afunilamento da inserção profissional do antropólogo(a); da redução do campo de estudos feministas à categoria de “ideologia” e/ou “doutrinação”.

Sim, os tempos podem ser sombrios, mas enxergar no escuro é uma arte. Para nosso PPGA tal vem da potencialidade que nos consti-

---

9. Ver: [www.aba.abant.org.br](http://www.aba.abant.org.br)

tuiu e que foi expressa no parecer da CAPES. O aludido parecer destaca não apenas a juventude de nosso corpo docente e reconhece como inovadora, para a área, o “que está sob a responsabilidade de duas Universidades Federais, sediadas no Estado do Ceará, o que atesta a existência de uma articulação interinstitucional para viabilizar o crescimento da área de Antropologia/Arqueologia na região Nordeste”. Destaca ainda o caráter “fortemente marcado (do) respeito às minorias e políticas de inclusão”, bem como o viés de internacionalização de ambas as universidades e sua importância para o desenvolvimento da Antropologia na região Nordeste.

Com esse porvir promissor, comprometido com uma formação de qualidade, só nos resta reproduzir os trechos finais de nossa colega Profa. Dra. Vera Rodrigues, que corou um momento particularmente importante e bonito de nossa cerimônia de abertura. Dirigindo-se a um auditório lotado, a antropóloga disse:

(...) Eu me dirijo a vocês futuros antropólogos e antropólogas para lhes dizer daquilo que desejo para o nosso porvir:

- Desejo que vejam esse Mestrado como a sua casa e, portanto, lugar de construção de afetos, compartilhamento de responsabilidades, cuidado, gentileza e abrigo;
- Desejo que vejam em seus professores e professoras interlocutores de confiança e comprometidos com uma produção de conhecimento crítica, criativa e reflexo de quem somos, de onde viemos e para onde vamos.
- Desejo, especialmente as jovens mulheres negras que adentram esse espaço que nos momentos difíceis em que o volume de trabalho será maior que o tempo para dar conta; em que a pessoa que diz lhes amar disser escolha “Ou eu ou esse Mestrado?” Quando alguém questionar sua capacidade intelectual lembrem-se: nossos passos vêm de longe e não caminhamos sós.

Devo lhes dizer que não vim aqui com a pretensão de quem se ar-

vora detentora de soluções mágicas, receitas prontas ou de algum pedestal distante dos seus pares, muito pelo contrário. Vim fazer um convite-desafio para que busquemos conjuntamente caminhos de fortalecimento. Também não vim aqui para chorar ou lamentar nenhum passo dado até aqui, mas para selar compromissos de trajetórias coletivas:

Que nos cortem as verbas, mas não a esperança;

Que reduzam as vagas e bolsas de pesquisa na graduação e na pós-graduação, mas não nossa firme decisão de seguir adiante em nome de quem somos e de onde viemos;

Que anulem os investimentos, em nome do desenvolvimento, mas não nossa capacidade crítica e disposição de passados décadas ainda estejamos aqui firmes e fortes, ou ao menos tenhamos conseguido passar o bastião adiante.

Vida longa ao programa de Mestrado de Antropologia UFC-UNILAB.

## Referências

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 1998.

GEERTZ, C. Como pensamos hoje: a caminho de uma Etnografia do Pensamento Moderno. In: \_\_\_\_\_. *O Saber Local: Novos ensaios em antropologia interpretativa*. 8ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MARTIN, Jean-Baptiste. *Usages Sociaux de la Mémoire et de L'imaginaire au Brésil et em France*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 200.

PEIRANO, Mariza (2008). *The Anthropology of anthropology: the brasilian case*. Série Antropologia 110, Brasília, UNB: 174 p.

RIBEIRO, Djamila. *O que é Lugar de Fala?* Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017.

RIBEIRO, G. L.; TRAJANO, W. Filho. (Org.). *O campo da Antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/ Associação Brasileira de Antropologia, 2004.

VALE, Alexandre F.C. Prefácio. In: VIEIRA, Maria Sulamita de Almeida. *Caminho das Ciências Sociais na UFC*. 1. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2016. v. 1. 286p.

VIEIRA, Maria Sulamita de Almeida. *Caminho das Ciências Sociais na UFC*. 1. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2016. v. 1. 286p.

**Resumo:**

O dia 17 de agosto de 2017 constitui uma data especial para o ensino e a pesquisa antropológica no Estado do Ceará. A Antropologia cearense retoma então, em novas bases e com novas parcerias, uma história que fora interrompida. A data celebra a instituição de nosso Mestrado Acadêmico, uma parceria entre a Universidade Federal do Ceará (UFC) e a Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNI-LAB). Para nós da UFC, desde os idos do Instituto de Antropologia, fundado em 1953 e extinto em 1957, em nosso Estado, não se tem registro de um esforço sistemático e institucional consagrado ao ensino e formação, pesquisa e extensão em antropologia, com o reconhecimento da Capes e da ABA. O presente artigo tem portanto como objetivo registrar alguns dos passos da história aludida para, em seguida, refletir sobre o nosso passado antropológico, nosso presente e as possibilidades futuras no encontro dessas duas universidades.

**Palavras-chave:** história da Antropologia; Ceará; pós-graduação; ciências humanas.

**Abstract:**

August 17, 2017 is a special date for both teaching and researching on Anthropology in the State of Ceará, Brazil. One restarts then, by means of other bases and new partnerships our anthropological history by establishing an Academic Master's Degree. This is due to the collaboration between the Federal University of Ceará (UFC) and the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB). Since the beginning of the Institute of Anthropology in Ceará, which was founded in 1953 and extincted in 1957, there had been no historical record concerning the recognition of CAPES and ABA about systematic and devoted to teaching, training and researching in Anthropology. This article aims both recording some of the steps of the above referred history and reflecting our anthropological past, our present and future possibilities in the meeting of these two universities.

**Keywords:** history of Anthropology; Ceará; postgraduate; humanities.

Recebido para publicação em 13/02/2019.

Aceito em 24/02/2019.